

LINGUAGEM POÉTICA: LUGAR DE REINVENÇÃO DA INFÂNCIA ATRAVÉS DA MEMÓRIA

Denny José Almeida Costa (dennyletras@yahoo.com.br)
(<http://lattes.cnpq.br/7432417482433976>) Bolsista PIBIC/FAPEMIG

Maria Ângela de Araújo Resende (mariangela_letras@oi.com.br)
(<http://lattes.cnpq.br/9826203139768282>) Orientadora

Introdução

Este trabalho tem suas bases alicerçadas nas contribuições e reflexões importantes de especialistas das áreas de Teoria da Literatura e Crítica da Cultura, em especial no que se refere às questões da memória.

A emergência da memória nas sociedades atuais do ocidente, como um fator de extrema relevância cultural a ser discutida, aponta caminhos para as pesquisas acerca do passado bem como do futuro, possibilitando a abertura de possibilidades de pesquisas dentro dos chamados Estudos Culturais.

Considerando as várias possibilidades interpretativas da linha de pesquisa “Literatura e Memória Cultural”, uma das linhas do Programa de Mestrado em Letras do Departamento de Letras, Artes e Cultura da UFSJ, e a amplitude dos objetos de investigação, verifica-se a pertinência em se debruçar sobre os estudos das obras literárias, temas e autores das “Poéticas da Modernidade”. Recorte que pode ser dado, no caso da Literatura Brasileira e de outras literaturas, a partir, também, dos estudos da e sobre a memória.

Neste intuito pretende-se investigar os rastros da infância e da memória presentes nas obras poéticas “Lira dos cinqüent’anos” de Manuel Bandeira, e “Memórias Inventadas: a infância” de Manoel de Barros.

BARROS E BANDEIRA: POÉTICAS DA DESCONSTRUÇÃO DO EU

“Lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”

(p.19). É assim que BOSI (1987) define o questionamento sobre a tarefa da memória, ao mencionar Halbwachs e seu pensamento de que o “*caráter livre*”, “*quase onírico*” da memória é “*excepcional*”.

A busca por uma redefinição de um passado ausente é um exercício árduo para inúmeros pesquisadores, autores, escritores, e que encontra uma notável experiência também nos poetas. Não é raro perceber o desejo moderno e pós-moderno de se recorrer às lembranças pessoais e subjetivas para trazer à tona o vivido, às vezes importando-se mais com a maneira do que pelo fato propriamente dito, assim como diz BENJAMIN (1993) “*o importante para o autor que rememora não é o que ele viveu, mas o tecido de sua rememoração*” (p.37).

A vontade de reviver o passado é supostamente materializada após o mergulho nas próprias reminiscências, mas se tomamos por norte os dizeres de BOSI, podemos inferir que as experiências pretéritas são construídas de uma forma diferente no presente como meio de se “encontrar” diante das incertezas. Neste sentido, RESENDE (1998) ao citar MEZAN (1991) e o conceito de “in-quecer”, neologismo espelhado na idéia do esquecer, que significaria o movimento do sujeito mergulhar em suas lembranças, diz que “*o conceito aponta para o ato criativo e reconstrutor da memória, pois, ao se abrir para a lembrança, o sujeito estaria se reterritorializando afetiva, social, espacial e temporalmente*” (p.151).

As imagens que temos hoje de nosso passado não são as mesmas que tivemos quando passamos pelas experiências em tempo real. Não é possível vivenciar com todos os pormenores, o que foi vivido há vinte anos. Daí o caráter transformador, renovador e reconstrutor da memória. BOSI afirma que valemos do que está à nossa volta no presente para resgatar a imagem das lembranças e que não há como retomá-las integralmente porque mudamos, não permanecemos intactos desde os acontecimentos lembrados. Seria preciso, segundo ela, que um adulto conservasse imutável todo o sistema de representações da infância para que ele pudesse reviver na totalidade os momentos de outrora.

No entanto, podemos perceber que “*esse conflito de tempos, ainda que persista como fonte que impulsiona a própria escrita, adquire – por força do ato*

lírico- um apaziguamento consolador e libertador” como afirma ROSENBAUM (1993, p. 45).

A memória não se limita à atividade de poder se lembrar de algo acontecido no passado. *Mnemosyne* não é apenas a deusa mãe das musas, mas aquela que preside a função poética suscita VERNANT em *“Aspectos míticos da memória e do tempo”*. Nesta obra, o autor diz que

A memória é uma função muito elaborada que atinge grandes categorias psicológicas, como o tempo e o eu. Ela põe em jogo um conjunto de operações mentais complexas, e o seu domínio sobre elas pressupõe esforço, treinamento e exercício. (VERNANT, 1973, p.72)

É pensando nesta direção que BOSI vai dizer que a memória possui antes de tudo uma função operacional e não estática. Exige-se do “eu” um trabalho a ser feito de “ir atrás” do perdido em busca desta reconstrução imaterial. Não se trata de um processo de repetição do passado, mas de ponderação, de observação, como explicita MIRANDA (1992) em *“Fios da Memória”*. Para ele a volta ao passado deveria ser tomada como *“lugar de reflexão”* para que a memória funcionasse, também, a favor dela mesma.

Em consonância às contribuições acerca das pesquisas que envolvem os questionamentos sobre a memória estão os apontamentos de BACHELARD a respeito da morada do homem, a casa. Tendo-a como refúgio para as inquietações humanas e considerando-a lugar das primeiras descobertas da criança, percebe-se uma recorrência memorial, nas obras poéticas, à casa paterna, quase sempre como busca e retomada deste espaço perdido na infância.

Na vida do homem, a casa afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. É corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano. (...) A vida começa bem, começa fechada, protegida, agasalhada no regaço da casa. (BACHELARD, 1989, p.26)

Ambos os poetas, Bandeira e Barros, vão falar desta casa, desta infância, do menino, ícones temporariamente adormecidos na mente, e então irão “acordá-los” através de momentos epifânicos, seja por respostas ao mundo, seja por respostas para si mesmo, vivenciados na transcendência da arte poética. ARRIGUCCI ao abordar a poesia de Bandeira em *“Humildade, paixão e morte”* vai tratar essa poesia banderiana como a percepção de um “desabafo momentâneo” diante do descortinar da possível morte.

Por isso tende a se confundir, na essência, com um instante de alumbramento: momento de extraordinária intensidade vital, de súbita iluminação do espírito impelida por um movimento do desejo que de algum modo traz consigo imagens da memória do corpo e da necessidade material de satisfação. (grifo meu – ARRIGUCCI, 1990, p.133.)

A percepção deste alumbramento é constante também em Barros, pois ARRIGUCCI, na mesma obra, diz que o alumbramento seria *“uma espécie de epifania, forma de manifestação do sagrado, que faria do poeta o ser maníaco, possuído pelo furor das musas, ‘loucura momentânea’* (p.133). Desta maneira podemos caminhar pelas obras de Bandeira e Barros percebendo de uma forma metafórica estes poetas “epifânicos”, “maníacos”, possuídos talvez pelo furor da musa *Mnemosyne*. Esse desejo pela rememoração, pela recriação através das lembranças e a posterior desconstrução do eu lírico fazem dos dois poetas, autores comprometidos com a memória e os processos de re-localizar e “re-viver” o passado.

Os estudos sobre apontamentos referentes à memória freqüentemente são discutidos por muitos teóricos da Literatura. Algumas das temáticas como a reconstrução do passado, o retorno à casa primeira, o encanto pela busca do perdido e por certa origem, manifestadas através da poesia, serão trabalhadas à luz de recentes teorias que nortearão todo o trabalho.

Buscaremos usar das contribuições de Jean Pierre Vernant (1973), Gaston Bachelard (1988), Henri Bergson (1989), Davi Arrigucci (1990), Walter Benjamin (1993), Wander Melo Miranda (1993), Yudith Rosenbaum (1993), Ecléa Bosi (1994) e Maria Ângela de Araújo Resende (1998).

Através do método da leitura crítico-comparativa pretende-se analisar o *corpus* buscando os pontos que se assemelham e os pontos divergentes nos posicionamentos poéticos de Manuel Bandeira e Manoel de Barros, tendo em vista os direcionamentos teóricos supracitados.

Diante da impossibilidade de se transportar para o passado ou de trazer o passado idêntico para o presente, diversos autores e escritores tentam sobrepor esta ânsia através da escrita. Podemos encontrar ao longo da historiografia literária muitos escritos renomados que abordam a temática da reconstrução de um eu lírico através das lembranças.

A poesia foi e é uma ferramenta que os poetas usam para transpor subjetivamente o desejo de retomada de épocas que não voltam mais, seja pelo viés da saudade, seja pelo olhar da recriação. Ao caminhar pelas obras poéticas de Manoel de Barros e Manuel Bandeira podemos evidenciar traços bem claros dessa trajetória memorial.

Em “*Versos de natal*” (*Lira dos cinqüent’anos*, 1939), de Manuel Bandeira, observamos o menino que o sujeito poético não quer deixar desaparecer, os rastros da infância permeiam a segunda estrofe do poema em que, através da imagem do menino que espera pelo papai Noel reconstrói ao mesmo tempo, a inocência perdida e a vontade de manter viva a presença do espírito infantil em si mesmo:

Mas se fosse mágico,
Penetrarias até ao fundo desse homem triste,
Descobririas o menino que sustenta esse homem,
O menino que não quer morrer,
Que não morrerá senão comigo,
O menino que todos os anos na véspera do Natal
Pensa ainda em pôr os seus chinelinhos atrás da porta. (1939)

Através dos versos de Bandeira notamos a confiança que ele deposita à figura do menino. Está nele o alicerce para que o homem possa ter forças para viver, o que atestamos em ROSENBAUM quando a autora diz que

Ao revelar esse menino – palavra que insiste em aparecer três vezes na estrofe, acusando com isso o ‘menino que não quer

morrer' -, o poeta o coloca como pilar de sustentação do homem e isso ganha enorme significação. Há como uma teima infantil em abandonar uma forma de ser, em desgarrar-se de um eu já vivido. (ROSENBAUM, 1993, p.44)

Em “*Testamento*” (*Lira dos cinqüent’anos*, 1939) novamente aparece a figura do menino, desta vez sendo projetado para “arcar” com os desejos do pai. Temos visualmente a imagem de um eu poético fragmentado, frágil e desejoso por ter sido alguém que nunca fora, ao passo que reconstrói esse seu lado passado em versos que criam um paradoxo em relação a outros do poema, como podemos ver nas duas estrofes finais:

Criou-me desde eu menino,
Para arquiteto meu pai.
Foi-se-me um dia a saúde...
Fiz-me arquiteto? Não pude!
Sou poeta menor, perdoai!
Não faço versos de guerra.
Não faço porque não sei.
Mas num torpedo-suicida
Darei de bom grado a vida
Na luta em que não lutei! (1943)

O saudosismo diante do menino perdido, tanto em “*Versos de Natal*” quanto em “*Testamento*” nos faz pensar em como é construída essa dialética entre a busca por esse menino preso no passado e a conformidade perante a ação do tempo percorrido. VERNANT (1973) ao dizer dos aspectos míticos da memória e do tempo nos auxilia, ao dizer que

Em nenhum momento, a volta ao longo do tempo nos faz omitir as realidades atuais. É somente em relação ao mundo visível que, ao nos afastarmos do presente, distanciamos-nos; saímos do nosso universo humano, para descobrir, por trás dele, outras regiões do ser, outros níveis cósmicos, normalmente inacessíveis. (VERNANT, 1973, p. 77).

Manoel de Barros também consegue através de um eu poético sair desse “universo humano” para adentrar seu mar interior e fazer emergir suas experiências de criança. O desejo por ser “*Fraseador*”, (nome que intitula o poema – *Memórias Inventadas: a infância*, 2003) é advindo de sua meninice e permanece até o completar de seus oitenta e cinco anos, como ele começa o poema. Ao contrário

de Bandeira, reconstrói as lembranças do passado através de uma imagem positiva do que queria ser quando criança e do que foi durante a vida, mesmo com a desaprovação do irmão.

Eu queria ser fraseador e não doutor. Então, o meu irmão mais velho perguntou: Mas esse tal de fraseador bota mantimento em casa? Eu não queria ser doutor, eu só queria ser fraseador. Meu irmão insistiu: Mas se fraseador não bota mantimento em casa, nós temos que botar uma enxada na mão desse menino pra ele deixar de variar. A mãe baixou a cabeça um pouco mais. O pai continuou meio vago. Mas não botou enxada. (BARROS, 2003)

O mundo sob o olhar da criança é inigualável. Mesmo depois de adulto, Manoel de Barros tenta retratar a visão de sua mocidade, o que observamos em *“Sobre sucatas”* (*Memórias inventadas: a infância*, 2003). Por meio de versos que contam uma história, um trecho de sua vida, Manoel de Barros usa da visão pueril para contar como eram seus primeiros anos. Talvez o vivido não tivesse sido tão marcante quanto o olhar da criança emprestado ao homem experiente que agora versifica os fatos. Certamente a escolha por narrar poeticamente momentos de sua vida sob a perspectiva do menino não foi proposital. Há um sentido que BOSI destaca com primazia:

Se examinarmos criticamente a meninice podemos encontrar nela aspirações truncadas, injustiças, prepotência, a hostilidade habitual contra os fracos. (...) Não havia ainda o constrangimento dos limites, nosso diálogo com os seres era aberto, infinito. A percepção era uma aventura; como um animal descuidado, brincávamos fora da jaula do estereótipo. E assim foi o encontro da criança com o mar, com o girassol, com a asa na luz. Ficou no adulto a nostalgia dos sentidos novos. (BOSI, 1987, p.41-42)

É preciso que a maturidade do homem seja capaz de viajar nas asas das lembranças para fazer trazer à tona a pureza vivenciada nos tempos de menino. Isso requer suor, trabalho e muito esforço, pois as imagens que temos no presente do passado não são e nunca serão perfeitamente iguais às do tempo vivido *“por que nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e valor”* explica BOSI (1987).

O ato de mergulhar dentro de si mesmo em busca da reconstrução do que se viveu pode ser analisado sob o ponto de vista de fuga do presente. Há um “*afastamento do presente, colocando-o na esfera do esquecimento*” segundo os dizeres de RESENDE (1998). Por outro lado, como a autora explicita no mesmo estudo, a habitação do passado pode ser vista pela ótica de que esta pressupõe o conceito de recriação, de fazê-lo diferente.

Os processos de recriação de um tempo que já não é palpável, não são tão simples. Há de se lembrar da labuta memorial inferida por BOSI e dos mecanismos reflexivos da memória incorporados por MIRANDA (1992). A ação da memória, segundo ele, deve estar calcada no olhar para o vivido como “lugar de reflexão”. As proposições elaboradas a partir da análise deste outro tempo seriam incorporadas de modo a se ter uma espécie de “metamemória”.

Em “*O lavador de pedra*” (*Memórias Inventadas: a infância*, 2003) encontramos as rememorações do menino por meio das descrições do local onde morava. Nota-se a importância de situar-se espacialmente no tempo, a demarcação da casa, o lugar de origem e a vida junto ao avô. Tais lembranças permitem ao sujeito poético aproximar-se do conforto e da proteção que a época junto à família proporcionava. BACHELARD, em *A poética do espaço* (1989) fala das primeiras moradas analisando os aspectos da intimidade humana. A casa representaria o universo primeiro, o cantinho aconchegante que possuímos desde o nascimento. É através da casa que sonhamos com as brincadeiras de criança, com os tempos em que não havia preocupação nem com o futuro, muito menos com o passado.

A gente morava no patrimônio de Pedra Lisa. Pedra Lisa era um arruado de 13 casas e o rio por detrás. Pelo arruado passavam comitivas de boiadeiros e muitos andarilhos. Meu avô botou uma Venda no arruado. Vendia toucinho, freios, arroz, rapadura e tais. Os mantimentos que os boiadeiros compravam de passagem. Atrás da Venda estava o rio. E uma pedra que aflorava no meio do rio. (BARROS, 2003.)

Manuel Bandeira, na segunda estrofe de “Última canção do beco” (*Lira dos cinqüent’anos*, 1939) também faz menção a casa metaforizando a ausência, o “bem” perdido.

Vão demolir esta casa.
Mas meu quarto vai ficar,
Não como forma imperfeita
Neste mundo de aparências:
Vai ficar na eternidade,
Com seus livros, com seus quadros,
Intacto, suspenso no ar! (1939)

O desejo de manterem vivas para sempre as lembranças da casa está presente nos versos “Mas meu quarto vai ficar” e “Vai ficar na eternidade” em que o eu poético demonstra sua preocupação diante do que vai sobrar depois que a casa for demolida. A memória se faz presente nas duas últimas linhas da estrofe quando ele rememora os objetos que existiam no quarto e completa dizendo qual o modo que o seu quarto ficará “*intacto, suspenso no ar*”, ou seja, nada será modificado e as lembranças do espaço ficarão latentes na memória.

Ainda que, apontando abordagens diferentes do *topos*, do lugar da morada, Barros e Bandeira fazem com que suas criações poéticas se aproximem através do abismo provocado pela ausência. Barros utiliza do pretérito na formação de seus tempos verbais, Bandeira vale-se do futuro e, no entanto, ambos os poetas tentam reconquistar o tempo e o espaço perdidos, ainda que não fossem mais como já foram um dia. A esse respeito BENJAMIM defendia que a articulação histórica de momentos ou fatos do passado não significará reiterá-lo com exatidão, o que acontece tanto em Barros quanto em Bandeira. Através de seus núcleos poéticos, tentam reconstruir as lembranças, mas sob o ponto de vista do presente, o que descarta a possibilidade do “re-viver” copiosamente fatos passados.

São perceptíveis, mesmo na diversidade das duas poéticas, caminhos que denotam uma tentativa de ocupar a ausência através da linguagem, no caso dos autores, via poesia. A desconstrução e reconstrução de espaços afetivos por intermédio da linguagem poética tornam as obras de Manuel Bandeira e Manoel de Barros infinitamente ricas em significados que ora se cruzam, ora se afastam, mas que possuem muitas vezes um eixo comum, como o tratamento dado à memória. O

universo infantil representado pelo menino, o retorno a casa, as representações de espaço e de ausência, e as relações com a escrita memorialista são alguns dos itens merecedores de destaque nas poéticas dos poetas em questão. São tópicos que constituem as “poéticas da infância” e no caso de Bandeira e Barros concernem a uma leitura da tradição, vivida através do texto memorialístico, burilado, provocador e, sobretudo, poético.

Algumas obras dos respectivos poetas ainda precisam ser trabalhadas e desenvolvidas à luz de novas teorias. Isso posto, tentar-se-á traçar algumas considerações parciais sobre os estudos que já foram feitos até o presente momento.

Reconstruir o passado é, antes de tudo, olhar para ele com os olhos do presente e saber distinguir quais elementos são necessários, na atualidade, para a reconstrução do mesmo. Parte deste processo é função essencial da memória de agir sobre os resquícios de outros tempos e resgatar os fatores que mais se destacaram através das lembranças individuais. Outra parte consiste, mesmo que involuntariamente, de anexar aos rastros pretéritos a contribuição que se formou ao longo dos tempos.

Manuel Bandeira e Manoel de Barros usam dos artefatos da memória para compor as suas obras. Ao ler e analisar os poemas enumerados neste trabalho e outros correlacionados percebeu-se que a escrita memorialista além de auxiliar na recriação do eu poético ainda pode subsidiar encontros entre as temáticas que dialogam entre si, bem como a construção, também, de núcleos de preservação da memória coletiva.

Através do eixo de pensamento sobre a infância, Bandeira e Barros vão desdobrar as suas poéticas em busca do menino que ficou perdido no tempo. É preciso mergulhar nas próprias lembranças como fazem os dois poetas, em busca de suas memórias afetivas, localizadas num tempo imemorial, para resgatarem o menino perdido e também uma “fala inaugural”.

Bandeira e Barros tentam suprir a ausência espacial que permeia os seus versos, como pudemos atestar nos fragmentos analisados, por meio das marcas do passado e da reconstrução da imagem da casa.

A tentativa de mapear núcleos espaciais e afetivos da infância através da poesia é recorrente em parte das obras em estudo, o que torna viável estabelecermos um diálogo intertextual e a leitura de certa filiação literária em consonância com as finalidades estéticas do gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARRIGUCCI, Davi. *Humildade, Paixão e morte: A poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BARROS, Manoel de. *Memórias Inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta, 2003.
- BARROS, Manoel de. *Memórias Inventadas: a segunda infância*. São Paulo: Planeta, 2006.
- BANDERIA, Manuel. *Itinerário de Pasárgada*. Rio de Janeiro: Liv. São José, 1957.
- BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 11 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BENJAMIN, Walter. História Cultural do brinquedo. In: *Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança dos velhos*. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos: Graciliano ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.
- RESENDE, Maria Ângela de Araújo. Nas águas da memória: a busca da origem na poesia de Manoel de Barros. In: *Revista Vertentes*. UFSJ. São João del-Rei, n.12, p. 150-157, jul./dez. 1998.
- ROSENBAUM, Yudith. Manuel Bandeira: uma poesia de ausência. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- VERNANT, Jean Pierre. Aspectos Míticos da Memória e do Tempo. *Mito e pensamento entre os gregos*. Trad. Haiganuch Larian. São Paulo, Difusão Européia do Livro, Editora da Universidade de São Paulo, 1973.